

Metrô

Paco Sanguino e Rafael González

Tradução e Adaptação de João Paulo Leão e Fátima Esper, novembro de 2000.

METRÔ estreou no Salao Paraná do Memorial de Curitiba em 3 de maio de 2001
com:

HOMEM – João Paulo Leão

MULHER- Fátima Esper

Direção – Enéas Lour

CENA

Saída de um metrô. Na estação uma mulher observa o último vagão do trem a caminho. Recupera o animo. Observa ao redor e fixa o olhar na boca da plataforma. Um homem, de trinta e cinco anos, bem vestido, com uma pasta executiva na mão, jornal na outra, chega apressado e se detém antes de cair no fosso das vias. Se dá conta de que se não tivesse se atrapalhado na roleta, agora estaria de viagem. Olha em direção a um lado e outro do túnel demonstrando a raiva apenas entre os dedos.

Já não há mais remédio: o maior dos fracassos se instala em um minuto.

A mulher, num ato de mutação imediata, se dirige a um dos assentos, coloca um par de óculos escuros, senta-se, cruza as pernas deixando-as a vista mais além dos seus joelhos.

O homem sente que há alguém pelas costas, gira a cabeça para conferir e vê a mulher, porém ela não olha para ele, e sim para o outro lado da plataforma (ela gira furtiva e rapidamente a cabeça ao supor que ele haveria de mirá-la) ele a observa uns instantes estranhando: que faz esta moça parada nesta estação? O homem volta aos seus pensamentos, olha a direita, a esquerda por onde o trem deve chegar novamente. Olha as horas, pensa. Golpeia a esfera do relógio com o dedo indicador. Opta por sentar-se. Ao lado da mulher há lugar para mais dois, e ele, claro, opta pela extremidade: não lhe interessam suas pernas.

HOMEM: Oi

MULHER: Oi.

Ele a cumprimenta com um ar de cansaço, mirando-a levemente; ela, como se estivesse trabalhando em algum serviço público.

Ele abre o jornal e lê alguma notícia internacional que não conta nada de novo nem de bom. A mulher dá uma olhada grátis na manchete da primeira página,

mas o relato não lhe entusiasma e desvia o olhar, olha o relógio digital da parede patrocinado por um chocolate.

O metro não chega.

Ele volta a desesperar-se, se põe em pé, volta a observar um lado e outro da via, desta vez sua retina se esforça um pouco mais na escuridão do túnel. Olha seu relógio e, como último ato de um ritual, fala:

HOMEM: Esse atraso está passando da conta, não é?

A mulher o olha tentando dissimular algo que já sabia: esse é o cara mais idiota do planeta. Ele é incapaz de perceber, mas se incomoda e repete:

HOMEM: Esse atraso está passando da conta.

Ela o olha atentamente com um ligeiro sorriso, não se sabe se de complacência ou de ironia.

MULHER: Quer um chicletes?

HOMEM: Não, obrigado. voc...?

MULHER: Que horas são?

HOMEM: São nove e cinco. Você está a muito tempo esperando?

MULHER: Como?

HOMEM: Faz muito tempo que espera?

MULHER: Não.

HOMEM: Ah, também acaba de chegar.

MULHER: Não.

HOMEM: Não, não, claro: quando eu cheguei, você já estava aqui.

MULHER: Escuta...

HOMEM: Sim?

MULHER: Você se refere ao metrô?

HOMEM: Claro.

MULHER: E não tem medo que se molhe?

HOMEM: Como disse?

MULHER: A roupa, não tem medo que se molhe? Parece uma roupa muito cara.

O homem olha para o teto para ver se tem goteiras.

HOMEM: Perdoe-me, não sei se me fiz entender, lhe perguntava se...

MULHER: Lhe entendi perfeitamente. Não espero o metrô.

HOMEM: Desculpe, pensei que...

MULHER: Não se desculpe, não é a primeira vez.

Ela dá por encerrado o assunto com um sorriso que desaparece de sua boca quando gira a cabeça em direção ao outro lado. O homem também sorri, correspondendo, e agora se abana com o jornal enquanto faz uso de sua maleta para golpear-se no joelho. A mulher olha para ele incomodada com o ruído e ele, quando percebe que aqueles olhos inquisidores procuram interromper, para os

movimentos e volta a sorrir. A mulher segue olhando-o, o homem afasta o olhar e o dirige ao teto da estação, aos túneis, as vias. As gotas de suor escorrem pelo peito e ombro, ele sente-as escorrer, observa sua trajetória até que o asco de si mesmo lhe devolve a estação. Merda de metrô, pensa, mas o que pode fazer. Por fim volta a abrir o jornal na página que estava lendo, quando ela diz:

MULHER: Me passa o jornal, por favor?

HOMEM: Sim, sim, claro, toma.

MULHER: Obrigada.

HOMEM: De nada, olha, está um pouco molhado. É que minhas mãos suam de uma maneira exagerada. Deve ser alguma doença. *(se limpa com um lenço de papel tirado da maleta.)*

MULHER: Não, é ansiedade. Ou o calor, claro.

HOMEM: Sim, claro, calor sei que faz. Não lhe parece estranho?

MULHER: Pois que faça calor.

HOMEM: Mas não é estranho que faça calor em pleno mês de agosto? Você não fala sério.

MULHER: *(tira os óculos de sol e o olha fixamente)* Eu sempre falo sério dessas coisas.

Ela vai folhando o jornal enquanto fala, distraída, sem notar o que está escrito, mas ao dizer: "Eu sempre falo sério dessas coisas" seu olhar volta a ser duro. Passa outra folha, e desta vez lê:

MULHER: Não!

HOMEM: Que foi?

MULHER: NÃO!

HOMEM: Moça...

MULHER: Um documentário de cobras!

HOMEM: Onde? No jornal?

MULHER: Na televisão. As dez e meia.

HOMEM: As dez e meia? *(olha seu relógio)* Não se preocupe, ainda falta mais de uma hora. Mesmo *(olhando ambos os túneis)* ao passo que vamos...gosta das cobras? *(uma pergunta que na verdade é mais uma afirmação).*

MULHER: Me encantam, sou a que mais sabe sobre serpentes na minha rua. Você não gosta?

HOMEM: Eu? Me parecem repugnantes. Sobretudo essas que são grandes... *(buscando na memória)* a sucuri e essa outra... como...?

MULHER: A jibóia.

HOMEM: Isso, a jibóia, é enorme.

MULHER: *(mirando o infinito)* Chega a medir seis metros.

HOMEM: Seis metros! Que asco!

MULHER: *(ao infinito)* Que charmosas.

HOMEM: Olha, então a voc...

MULHER: Em Porto Rico tem uma ilha que se chama assim.

HOMEM: Jibóia?

A mulher lhe dá uma olhada que diz tudo. Novamente se refugia da estupidez do mundo entre as páginas fedorentas do jornal. Ele, sem embargo, permanece mirando-a absorvendo seu lábio inferior e pensando: deve acreditar que sou um idiota, assim que vou retornar o assunto.

HOMEM: Em Porto Rico tem uma ilha que se chama jibóia? É sério?

MULHER: Cobra.

HOMEM: Cobra.

MULHER: Em Porto Rico tem uma ilha que se chama Cobra. E no Panamá um rio.

HOMEM: De verdade?

MULHER: Como você ouviu.

HOMEM: E a quem ocorreu colocar um nome assim em um rio? Esses latinos... *(com desprezo)* "Cobra". Só me faltava essa, "Cobra". São repugnantes.

MULHER: Não são repugnantes. Pra você parecem repugnantes, não me enjoam, me encantam. Como eu gostaria de ver esse programa!

HOMEM: Você verá, moça, não se preocupe. Não acredito que vai atrasar muito mais.

MULHER: Não é pelo metrô, é que não posso.

HOMEM: Você tem que trabalhar.

MULHER: Não é por isso.

HOMEM: Ah, sei, já sei o que quer dizer, perdoe minha indiscr...

MULHER: Ah, sabe? E o que é que quero dizer?

HOMEM: Bom, pois...

MULHER: Pensa que não tenho dinheiro pra comprar um televisor, não é? Pensa isso...

HOMEM: Não, eu, vamos...

MULHER: Então, por que se desculpa?

HOMEM: Creio que me meti onde não fui chamado.

MULHER: Não, não se meteu, de modo que não tenho que desculpa-lo.

HOMEM: Ótimo, deixemos assim.

MULHER: Você pensa que eu sou pobre, não é verdade?

HOMEM: Não, Não penso.

MULHER: Não minta, você pensa.

HOMEM: Não, te asseguro que...

MULHER: Que que há? Quer saber quanto dinheiro eu ganho, é isso, não?

HOMEM: Não, não quero saber, não faz falta que me diga, por favor, não é assunto meu. Por favor.

MULHER: De acordo, deixa pra lá. Quanto dinheiro você ganha?

HOMEM: Olha, moça...

MULHER: É só por curiosidade.

HOMEM: Não creio que lhe interesse.

MULHER: Claro.

HOMEM: Continuamos esperando.

MULHER: Garanto que ganha muito dinheiro.

HOMEM: Olha, porque não se preocupa mais em esperar o metrô do que querer saber quanto dinheiro eu ganho?

MULHER: É que eu não espero o metrô. Já lhe disse que não espero. Me meti aqui fugindo da chuva.

HOMEM: Da chuva? Mas se não chove....

MULHER: Vai chover.

HOMEM: Não creio.

MULHER: Vai chover.

HOMEM: Acho que você está equivocada.

MULHER: Sou meteorologista.

HOMEM: Ah. (*pensa: passei por ridículo*) de modo que vai chover.

MULHER: Você não viu as nuvens?

HOMEM: Não pareciam de chuva.

MULHER: São as únicas que realmente podem fazer chover. Isso até as crianças sabem.

HOMEM: Pois choverá. Choverá como você disse.

Ele dá por concluído o assalto. Ela ganhou os pontos. Claro que....

HOMEM: Então é meteorologista.

MULHER: Sim.

HOMEM: Você trabalha em alguma estação?

MULHER: Não, na rádio.

HOMEM: Na rádio? Em que emissora?

MULHER: Rádio Litoral.

HOMEM: Rádio Litoral? Aqui? Que eu saiba, por aqui não pega a Litoral.

MULHER: Em Santos.

HOMEM: Ah, você é de Santos.

MULHER: De Campinas. Fui a Santos quando era criança. Meu pai teve um afundamento.

HOMEM: Um o que?

MULHER: O barco onde ele navegava se afundo.

HOMEM; Sinto muito.

MULHER: Eu não.

HOMEM: Não sente por seu pai estar morto?

MULHER: Duvido que meu pai esteja morto.

HOMEM: Mas o barco...

MULHER: É. O barco afundou, a tripulação desapareceu, mas eu não acredito que meu pai se afogou.

HOMEM: Então foi perto da costa.

MULHER: Não, foi um temporal no meio do Atlântico.

HOMEM: Ah.

MULHER: Aí nos fomos pra lá com os pais da minha mãe. Eu tinha onze anos. Me irmão mais velho se casou faz uns meses e vive aqui.

HOMEM: Gosta daqui?

MULHER: Disse que é excessivamente grande.

HOMEM: Me refiro a você.

MULHER: A mim?

HOMEM: Sim.

MULHER: Bom...

HOMEM: É uma cidade grande, mas boa.

MULHER: Sim, é.

HOMEM: Claro que Santos...

MULHER: Também é, sim.

A mulher pega seu maço de cigarros Gauloises Caparol e acende um, mas não oferece. O homem volta a olhar em direção aos túneis, mete as mãos nos bolsos e investiga o fundo, mas não encontra o maço. Um tanto incomodado, decide pedir um cigarro a mulher, com sutileza, claro.

HOMEM: Olha, acho que perdi meus cigarros.

MULHER: *(Sem perceber a indireta. Ou querendo trocar de tema)* Porém as vezes em nenhum lugar está bom.

HOMEM: Isso é verdade. *(olha o assoprar de fumaça da mulher e deseja imitar essa ação purificadora).*

MULHER: E se está angustiado em todas as partes.

HOMEM: Eu que o diga.

MULHER: E dá uma vontade louca de escapar, fugir, procurar uma ilha no Caribe e esquecer. Que acha?

HOMEM: Sim, claro. Escute, estou com a impressão de que perdi meus cigarros. Me faz o favor, me dá um? É para que eu não saia para comprar, não, escuta a não ser que venha o metrô.

MULHER: Claro... é escuro.

HOMEM: Tudo bem.

MULHER: É francês: *(mostrando com o dedo o rótulo do maço)* Gauloises Caparol.

HOMEM: Nunca fumei, vou provar.

MULHER: É o que fumava Cortázar.

Ele se põe diante do cigarro e dá a primeira tragada, parece que não lhe impressionou muito isso de que esse cigarro passou pelos bolsos e dedos de Oliveira.

MULHER: Cortázar, o escritor.

HOMEM: Ah.

MULHER: Não conhece Cortázar?

HOMEM: Já ouvi falar. Mas não sabia que era escritor.

MULHER: E pensava que era o que? *(um tanto ofendida)*.

HOMEM: ...?! pois não sei. A verdade é que nunca me interessei por gente famosa (*tentando justificar a sua ignorância*).

MULHER: É. Isso explica tudo...

Ela o olha com alguma repugnância: sente que perdeu a partida, mas não o campeonato. Se faz um silêncio.

HOMEM: De modo que Cortázar fumava destes.

MULHER: Sim.

HOMEM: E onde comprou?

MULHER: Não comprei. Um amigo me trouxe, um colega da emissora que esteve na França. Disse que era delicioso. *(Vai dissimulando sua contrariedade e seu incomodo)*. Trago uma foto do túmulo. Levo sempre comigo.

HOMEM: De quem?

MULHER:... De Cortázar.

HOMEM: Como assim... fez uma foto do túmulo?

MULHER: É.

HOMEM: De onde está enterrado?

MULHER: Claro, eu já lhe disse.

HOMEM: E leva com você?

MULHER: É.

HOMEM: Aqui? Em sua bolsa?

MULHER: Não quererá que a leve em uma necessaire. Você disse como se eu levasse o cadáver de Cortázar. Eu lhe mostrarei.

HOMEM: Não, não, não se incomode, é tudo igual.

MULHER: Não, quero que veja, é uma bonita foto do.....

HOMEM: É tudo igual, tudo igual.

MULHER: Nossa, que passa com você? Por que não quer ver a foto?

HOMEM: Não, não é que eu não queira ver...é uma foto de um cemitério?

MULHER: A Eurodisney ainda não existia, de modo que não puderam enterrá-lo ali.

HOMEM: Olha, é que não gosto de cemitérios, nem de túmulos nem nada disso.

MULHER: Mas é um cemitério muito bonito, mais que um cemitério, parece um playground.

HOMEM: De qualquer maneira, deixa pra lá.

MULHER: Deixo nada, insisto que veja. (*tira a foto da bolsa, ele coloca a mão a frente*). Não seja criança, pegue-a. (*ele à pega, olha um décimo de segundo e a devolve*).

HOMEM: Muito bonita.

MULHER: Sim. Viu o edifício Montparnasse no fundo?

HOMEM: Perfeitamente.

MULHER: Vou te mostrar outra.

HOMEM: Outro enterro?

MULHER : Não.

HOMEM: Um momento...

MULHER: Sim?

HOMEM: O metrô.

MULHER: Não é o metrô.

HOMEM: Claro que é, estou ouvindo.

MULHER: Não, não é.

HOMEM: Como sabe?

MULHER: Porque não pode ser.

HOMEM: Ah, não? E por que não?

MULHER: Porque antes chegam os morcegos.

HOMEM: Olha, você já está me tirando do sério.

MULHER: Não senhor. Você não sabe?

HOMEM: Não.

MULHER: De verdade que não sabe? Pega o metrô todos os dias e não sabe?

HOMEM: E se não me disser de uma vez, não creio que chegue a saber nunca.

MULHER: Que chegam antes.

HOMEM: Antes do que?

MULHER: Do metrô. Quando ouvem chegar, saem gritando. Que você faria se uma cobra de quinze toneladas estivesse pisando no seu calcanhar em um túnel?

HOMEM: Pois, ...!?

MULHER: Vamos, que faria?

HOMEM: Correr?

MULHER: Você sabe voar?

HOMEM: Não.

MULHER: Pois os morcegos sabem. De modo que não se preocupe, quando vier um bando de morcego, saberá que o metrô vai chegar.

HOMEM: Ficarei atento. (*levanta-se e se aproxima das vias, alonga-se para olhar*).

MULHER: Alguns não conseguem.

HOMEM: Perdão?

MULHER: Os que perdem a direção se estilhaçam contra a parede, morrem eletrocutados e finalmente são esmagados nas vias.

HOMEM: *(Que volta rapidamente a sentar-se e tenta trocar de assunto aludindo ao cigarro)* É forte.

MULHER: Você acha? A mim me parece cigarro para crianças.

HOMEM: Está bem.

MULHER: Olha, sabe uma coisa?

HOMEM: Que?

MULHER: Não se deu conta...

Ele mira ao seu redor achando que ela vai soltar um bando de morcegos de uma jaula escondida em alguma parte ou vai mostrar uma foto de um bebê desmembrado e mordido por ratos de rabo largo e duro.

HOMEM: Do quê?

MULHER: Ainda não me disse seu nome.

HOMEM: *(bufa relaxando)* Não, é verdade, mas tampouco você me disse o seu: empatamos.

MULHER: Por que não me diz?

HOMEM: Claro que digo: me chamo Marcelino.

MULHER: Como pão e

HOMEM: Justo. Agora falta você. Como se chama?

MULHER: Oh, não, não.

HOMEM: Não, não, o que?

MULHER: Que não, que não digo.

HOMEM: Por que?

MULHER: Porque é muito feio.

HOMEM: Pior que Marcelino não acredito que seja.

MULHER: Muito pior.

HOMEM: Vamos ver.

MULHER: Já lhe disse que não.

HOMEM: Anda, vamos lá...

MULHER: *(Muito, muito irritada, fora de si de sua normalidade)* Que não!!! *(em um rumor que ele pode perceber)* merda, está surdo...

HOMEM: Bom, não se oponha assim. Você só perde, ia lhe contar um segredo.

MULHER: Enfie no cú.

HOMEM: Como?

MULHER: Te digo se prometer que não vai começar a rir nem a fazer piadas.

HOMEM: Negócio fechado.

MULHER: Não vai rir?

HOMEM: Já lhe disse que não.

MULHER: Já, mas...

HOMEM: Se quiser, posso prometer.

MULHER: Não, não acredito.

HOMEM: Eu te prometo e juro pelos meus pais.

MULHER: Me promete e me jura pelos seus pais e pelos seus mortos e pelo que mais ame neste mundo.

HOMEM: Está bem.

MULHER: Vamos.

HOMEM: Vamos, o quê?

MULHER: Faça-o.

HOMEM: (*impaciente*) Prometo, juro por meus pais, por meus mortos, (*irônico*) inclusive por minha coleção de figurinhas do Corinthians ...

MULHER: Isso é o que mais ama neste mundo?

HOMEM: Olha, são de quando jogava Baltazar...

MULHER: Está bem, continue.

HOMEM: ... juro que não vou rir do seu nome. Pronto. Agora diga-me.

MULHER: (*Rapidamente, emitindo algo parecido com...*) ..stina.

HOMEM: Como?

MULHER: Agustina!

Ele pensa o nome, ela o observa e ele intenta que não note nada (de modo que faz cara de quem degusta algo de um sabor horrível que não termina de chegar a língua). Ela se aproxima cada vez mais do rosto dele. Ele termina tapando a cara com a mão esquerda: já não pode conter o riso.

MULHER: Que? Já começou a gozação. Verdade? Te recordo que fizemos um trato. Você me jurou pelos seus pais, não deveria rir.

HOMEM: Sim, mas é que...

MULHER: Vamos, pode rir, já estou acostumada.

HOMEM: Não, não.

MULHER: Ande, tenha culhão.

HOMEM: Olha, eu...

MULHER: Você é um corno de primeira. Pare de rir ou cago na puta da tua mãe.

HOMEM: Olha, você tenha cuidado com o que diz.

MULHER: Ah, é? E por que, hein? Pode se saber por que? Vai me dar uma surra? Vai me afundar os dentes, esmagar minha cara contra a parede? Que merda vai fazer?

HOMEM: O que você disse?

MULHER: Você pensa que está num faroeste, verdade? Pensa que é o Clint Eastwood. *(o golpeia no ombro)* ande, me bata , faça, sei me defender, não pense que vai ser tão fácil.

HOMEM: Acalme-se, por favor.

MULHER: Desgraçado

HOMEM: Não acho que seja pra tanto.

MULHER: Pingüim de geladeira.

HOMEM: Jamais vi algo parecido.

MULHER: Ah, não?

HOMEM: Não.

MULHER: Pois então vê se assim aprende a não rir dos seus semelhantes. Seu merda.

Ela senta-se, procura na bolsa o último dos Gauloises e começa a fumá-lo até que o cospe porque o acendeu do lado contrário. Procura outro, mas já não resta o que fumar.

Ele começa a recolher suas coisas com parcimônia, para que ela fique consciente de seus erros de educação formal.

HOMEM: Tchau *(parece que vai sair)*.

MULHER: Como?

HOMEM: Até mais, moça.

MULHER: Está indo embora?

HOMEM: Com certeza.

MULHER: (*impedindo a passagem*) Olha, por favor, não vá, não me deixe sozinha.

HOMEM: Me deixe passar.

MULHER: Não, fique.

HOMEM: Por favor, me deixe passar.

MULHER: Ande vá, seja bonzinho, fique mais um pouco.

HOMEM: Lhe peço que me deixe passar.

MULHER: Te peço de joelhos. (*o faz e começa a chorar*) Não me deixe só, não faça, por favor, não quero ficar sozinha!

HOMEM: Mas, que faz, moça? Levante do chão. (*deixa no chão o jornal e a maleta e a ajuda a levantar-se*) Venha, vamos sentar.

Sentam-se, ele coloca o braço em seu ombro, ela chora desconsoladamente, Ele diz:

HOMEM: Não se preocupe, não vou embora, eu estava brincando, não vou lhe deixar sozinha, se acalme, não se preocupe.

MULHER: Não suporto os trovões.

HOMEM: Não há trovões.

MULHER: Haverá, daqui a pouco. Sou meteorologista.

HOMEM: Já me disse, mas no momento não tem trovões.

MULHER: Mas haverá, você vai ver.

HOMEM: Bom, pois se troveja, que troveje.

MULHER: Obrigada por ficar comigo.

HOMEM: De nada.

MULHER: Me perdoe.

HOMEM: Se acalme.

MULHER: Me perdoe.

HOMEM: Não há nada para perdoar.

MULHER: *(enérgica)* Você me perdoe; e logo já veremos.

HOMEM: Está bem, eu te perdôo.

MULHER: Fui um pouco bruta.

HOMEM: Todos somos assim as vezes.

MULHER: Sim, mas eu estive ao ponto de matá-lo.

HOMEM: *(rindo)* Ah, é? E como ia me matar?

MULHER: Com a pistola que levo na bolsa.

HOMEM: *(Se incorpora e a solta de um salto)* Bom, mas já está tudo esquecido, não?

MULHER: Então, me perdoa?

HOMEM: Claro que a perdôo, falta mais alguma coisa.

MULHER: Você é muito carinhoso.

HOMEM: Bom...

MULHER: Marcelino, sabe uma coisa?

HOMEM: Quê, Agustina?

MULHER: Seu nome é muito bonito.

HOMEM: O seu também está bem.

MULHER: Você acha?

Ela termina de enxugar as lágrimas, tudo volta ao seu lugar.

MULHER: Bom, parece que não chega esse maldito metrô. Este país, em vez de ir para melhor, vai cada dia mais para trás.

HOMEM: Mas não disse que não esperava?

MULHER: Eu não espero, mas isso não me impede o direito de criticar as falhas do sistema, não acha?

HOMEM: Claro que não.

MULHER: Está casado, Marcelino?

HOMEM: Sim.

MULHER: Filhos?

HOMEM: Um.

MULHER: Em que trabalha?

HOMEM: Sou advogado.

MULHER: Deve ser um trabalho muito aborrecido.

HOMEM: Depende, o meu é muito divertido.

MULHER: Ah, é? O que você faz?

HOMEM: Me dedico a quebra de empresas, é a parte mais interessante do Direito Mercantil.

MULHER: Um pouco triste, não?

HOMEM: Sempre gostei dos finais tristes.

MULHER: Igual a mim. Quero dizer, a mim não: me encanta o que acaba bem. O que bem acaba, bem começa.

HOMEM: Se você disse.

MULHER: Chisst.

HOMEM: Quê?

MULHER: O metrô.

HOMEM: O metrô?

MULHER: Acho.

Ela acredita escutar algo, levanta-se, ele acompanha: alarme falso. Silêncio. Ela saca outro maço, desta vez um cigarro nacional, agora oferece, mas ele rechaça com um agradecimento e uma mão sobre o peito como Napoleão, significando que já chega de câncer por hoje. Ela fuma, o homem opta por sentar-se então se dá conta de que suas coisas continuam no chão e vai pegá-las. Coloca-as no assento do meio. Volta a abrir o jornal. Passa as páginas sem deter-se demasiado em nenhuma delas. Mira seu relógio.

HOMEM: Me parece que vai perder o documentário sobre cobras.

MULHER: Isso eu já sei.

HOMEM: Porém se não atrasar mais que cinco minutos.... onde você mora?

MULHER: Já lhe disse três vezes que não espero o metrô, que me meti aqui fugindo da tempestade e que sou meteorologista. Quer que eu repita?

HOMEM: Calma, mulher, você é um pouco irritada.

MULHER: Se perco o documentário é só e unicamente porque não tenho televisor, certo?

HOMEM: Como disse?

MULHER: O que você ouviu.

HOMEM: Você não tem televisor...

MULHER: *(Imitando-o em tom de gozação)* Você não tem televisor...

HOMEM: É que eu pensei: se você não tem televisor...

MULHER: Adora meter o dedo na ferida, hein?

HOMEM: ...certamente não tem vídeo, claro.

MULHER: Não, nem calcinhas limpas para trocar todos os dias.

HOMEM: Escuta, podemos resolver: eu ligo para a Ginebra e peço que ela grave, que acha?

MULHER: A Ginebra? Disse Ginebra?

HOMEM: É minha mulher.

MULHER: Sua mulher? Não me diga que sua mulher se chama Ginebra... Sério?

HOMEM: Eu ligo e digo: "escuta, Ginebra, estou esperando o metrô e por isso que me atraso tanto, faz o favor de gravar o documentário sobre as cobras que vai passar no 9", perfeito, não?

MULHER: Que lástima.

HOMEM: Por que?

MULHER: É que você não pensa as coisas, não é? Você antes não disse que as cobras te horrorizavam?

HOMEM: Mas...

MULHER: Tá seguro que sua mulher te conhece.

HOMEM: Desde sempre, ela sabe tudo sobre mim.

MULHER: Então, se a sua mulher pergunta para que merda quer que grave um programa sobre cobras, com o asco que lhe dão, o que lhe diz, hein?

HOMEM: A verdade.

MULHER: Como?

HOMEM: Lhe digo a verdade.

MULHER: Qual?

HOMEM: Que é para você.

MULHER: Que é para mim?

HOMEM: Evidente.

MULHER: Que beleza, você está louco ou o que? Você acha que nós mulheres somos tontas? Gostaria de saber que opinião você tem das mulheres.

HOMEM: Que opinião vou ter, se estou casado?

MULHER: Ah, é? Você está casado? Deixe-me cumprimentá-lo: felicidades.

HOMEM: *(Estranhando)* Obrigado.

MULHER: Se você diz isso a sua mulher, se diz: "escuta, Ginebra, olha, estou esperando o metrô e por isso me atraso tanto e estou aqui com uma moça que gostaria de ver o documentário que passa no 9 esse das dez e meia, sobre cobras, quer gravar" é isso que pensava dizer?

HOMEM: Mais ou menos.

MULHER: Pois sua mulher, se não é muito tonta, ainda que não ponha minha mão no fogo, a primeira coisa que pensará é que você está por aí com alguma fulana se fingindo de Santo, não acha?

HOMEM: Pois não, não acho.

MULHER: Ah, não? Não acha? Não acredita que será isso que pensará sua mulher em seguida? Pois amigo, deixe-me dizer-lhe uma coisa: você é muito mais infeliz do que eu imaginava, é isso que eu imaginava que você era muito, mas muito estúpido.

HOMEM: Moça, de que manicômio você fugiu? Está começando me aborrecer com tanta estupidez e tanto insulto. Te recordo que se ainda estou aqui é porque você me impediu de sair desta estação, como era o meu propósito, e procurar um táxi. E recordo também que não faz nem dez minutos que estava aí, abraçada a mim como uma colegial, chorando por causa de não sei que tempestade, argumentando que é meteorologista em não sei que estranha emissora de Santos, que com certeza não existe, disse que vai trovejar de um momento a outro, o qual não se acredita nem a mesmíssima moça do Canal do Tempo.

Soa o rumor de um trovão que na rua será escutado como se o mundo viesse abaixo. Ele olha em direção a saída assustado e aciona sem querer o fecho de sua maleta, de onde cai quase tudo. Repara ela novamente, e ela lhe ameaça com o dedo e o olhar inquisidor.

MULHER: Escute isto, escute-o bem, estúpido imbecil, parasita da sociedade, escute a primeira porque não penso em repetir: Rádio Litoral, em Santos, existe, escutou? Existe.

Uma luz aparece pelo seu lado esquerdo: deve ser o metrô que chega, o metro que não ouviram porque os trovões não terminavam. Agora já está na estação, agora já parou, agora ele recolhe incomodado todo o derramado de sua maleta. Soa uma sirene e o metrô fecha suas portas, se põe a andar, desaparece da estação.

E faz com que a propaganda se levante e balance até o teto como um bando de morcegos.

Nenhum dos dois tomou o metrô; ele pergunta já resignado:

HOMEM: Você tem um cigarro?

E afrouxa o nó da gravata e tira o paletó com a finalidade de recolher as coisas com maior comodidade. Dobra o paletó, e cai do bolso uma carteira. Ela a recolhe, junto há umas figurinhas velhas que se esparramaram pelo chão. Toma um deles, pergunta.

MULHER: Marcelino... teu pai, não?

HOMEM: Meu pai? *(ri)* isso quisera eu. É Julião.

MULHER: Quem?

HOMEM: Julião *(e diz um Julião como se tudo se esclarecesse em um segundo)*.

MULHER: Não me diz nada.

HOMEM: Não sabe quem é Julião?

MULHER: Você não sabia quem é Cortázar.

HOMEM: Mas pelo menos me parecia conhecido.

MULHER: Pois a mim Julião também me parece conhecido.

HOMEM: Ah, é?

MULHER: É.

HOMEM: E se parece com que: Julião?

MULHER: Um tira manchas.

HOMEM: Um tira manchas?

MULHER: Um tira manchas, sim, um tira manchas de minha mãe.

HOMEM: Um tira manchas... *(e agora com atitude de um menino que se soube a lição a tempo)* Cabeção, Baltazar, Touguinha, Jackson, Lorena, Murilo, Idário, Carbone, Luizinho, Claudio e Julião: o Corinthians.

MULHER: E Vampeta?

HOMEM: Como, que Vampeta?

MULHER: É, Vampeta não era do Corinthians?

HOMEM: Logo vi. Julião jogava nos anos 50.

MULHER: Mas então você não havia nascido.

HOMEM: Não, eu nasci em sessenta, no mesmo dia em que Kennedy subiu a presidência.

MULHER: Eu nasci quando Cortázar publicou O jogo da Amarelinha.

HOMEM: *(lembra incomodado)* Esse ano o Santos ganhou a Copa Paulista. Isso então foi o pior que ocorreu.

MULHER: Também quando Rocamadour morreu.

HOMEM: Meu pai comprou um Fusca. Que logo vendeu para construir uma casa na praia. Rocamandour?

MULHER O menino da Maga.

HOMEM: Ah.

MULHER: Em O jogo da Amarelinha...

HOMEM: Os sessenta foram bons tempos.

MULHER: É. Foi quando meu pai se afogou.

HOMEM: Sinto muito.

MULHER: Não sinto. Eu não sinto, minha mãe não sente, meus irmãos não sentem, e mais, creio que se alegram porque economizam um presente no natal. De modo que não sinto nada, nada, por que você tem que sentir? Se sente obrigado a ser o único neste país que sente que meu pai se afogou?

HOMEM: Não.

MULHER: Então.

HOMEM: De toda forma, você disse que não acreditava que ele tivesse se afogado.

MULHER: Ah, não? E que outra coisa podia fazer no meio do Atlântico num 2 de novembro? Chegar a nado até Portugal? Abrir um bar em Atlântida? Não diga tolices.

HOMEM: Eu não digo tolices.

MULHER: Disse tolices, muitas tolices. Faz tolices, fala tolices e coleciona tolices.

HOMEM: Perdão, mas se tem alguém aqui que seja estúpida até a medula, não é outra senão você. O que passa é que por respeito e porque apenas te conheço, não chego a te ofender, mas teu pai já sei eu que está mais duro que o PC.

MULHER: Você me perdoe, mas isso que disse é um grande atrevimento. Não tem nenhum direito de falar assim de meu pai. E muito menos compara-lo com PC Farias, do qual, te advirto, era muito amigo. Meu pai seja lá o que era, era meu pai. Pelo menos isso me disseram.

HOMEM: (*Rumorejando*) Nem sequer sabe se era seu pai ou não...

MULHER: Que disse?

HOMEM: Nada.

MULHER: Que disse?

HOMEM: Nada, não disse nada.

MULHER: Escuta uma coisa: espero que nunca, nem por um instante, necessite pedir um favor ao meu pai, espero, porque, do contrário, vai encontrar uma porta blindada no seu nariz.

HOMEM: Que foi? Fizeram de teu pai um Santo? Até passou a ser amigo PC Farias?

MULHER: Não te dou o direito de gozar do meu pai.

HOMEM: Não estou gozando do seu pai.

MULHER: É o que está fazendo.

HOMEM: Não, estou gozando é de você. E se não está vendo, é por que está cega.

MULHER: Certamente é isso.

HOMEM: Certamente. Agora, pode fazer o favor de me devolver as figurinhas?

Ela o olha fixamente e logo dirige seu olhar para as figurinhas. Sabe que nesse momento pode fazê-las em picadinho. Ele também sabe, de modo que ela não deixa de olhar as figurinhas enquanto ele olha para ela, sem perder a dureza do gesto, esperando como uma águia tensa.

Ela olha-as pela última vez suspirando, logo coloca-as em ordem e logo as embaralha, lê os nomes ao pé da figurinha. Quando chega a de Julião, sorri e fala:

MULHER: Julião...

HOMEM: É um dos melhores atacantes que o Corinthians já teve. Sem dúvida.

MULHER: É o melhor tira manchas que teve minha mãe.

HOMEM: Sem dúvida. (*oferece sua mão para que ela deposite as figurinhas*).

MULHER: (*entrega-as*) Suas figurinhas.

HOMEM: Obrigado. (*olha-as. Pensa: por pouco não as perco*)

Soa o metrô e chegam suas luzes pelo túnel. Ele pega sua pasta e fecha-a rapidamente, metendo de qualquer modo as figurinhas. O metrô chega, abre as portas. Ela apanha a bolsa, se levanta e se dirige a saída.

Mas ele não anda, fica de pé imóvel olhando-a por trás. Olha em direção ao infinito e umedece os lábios pensando: eu sou um imbecil ou idiota? Justo quando ela desaparece, ele se decide:

HOMEM: Espera.

Após um segundo de hesitação, ela se volta para a plataforma da estação: surpreende-se por ele não Ter tomado o metrô.

MULHER: Sua mulher deve estar te esperando.

HOMEM: Minha mulher nunca me espera. Deve estar na academia.

MULHER: A esta hora?

HOMEM: A qualquer hora. Ao menos é o que ela diz.

MULHER: Entendo.

HOMEM: Escuta: sinto muito pelo que eu disse de teu pai.

MULHER: Não se preocupe.

HOMEM: Sinto de verdade.

MULHER: Não tem porque. Eu também digo coisas assim quando vou vê-lo.

HOMEM: Quando vai vê-lo?

MULHER: Você não vai ver seu pai?

HOMEM: Claro que vou vê-lo, os dois. Vou comer uma vez por semana na casa de meus pais, mas não compreendo, você me disse...

MULHER: Eu odeio como cozinha minha mãe.

HOMEM: Você não me disse que...?

MULHER: Claro que faz tempo que não vou. Tenho que telefonar.

Ele começa a dar conta de que falta algo. Volta a deixar suas coisas no assento e pergunta:

HOMEM: Escuta. Como é seu pai?

MULHER: Quer dizer como era.

HOMEM: Por que não se decide?

MULHER: Que quer dizer?

HOMEM: Seu pai está morto ou não está morto?

MULHER: Pode ser que sim pode ser que não. Você sabe?

HOMEM: Eu?

MULHER: Porque não me deixa as figurinhas?

HOMEM: Claro. *(as tira da maleta)* Toma. Mas diga, como é seu pai?

MULHER: *(passando as figurinhas)* Pois... alto... moreno... de olhos grandes, escuros, temperamento forte... *(para de repente. Fica olhando a figurinha que tem em sua mão).*

MULHER: Este é o meu pai.

HOMEM: *(rindo)* Esse é Cabeção.

MULHER: Sério?

HOMEM: Seríssimo.

MULHER: Este homem não pode ser esse.

HOMEM: Claro que é.

MULHER: Não pode ser. Entende? Este homem é meu pai. Eu mesma tenho uma foto igual, minha mãe me disse que um dia foram juntos passar o dia no campo, em..., em... merda, onde foi? Me disse oitenta vezes...

HOMEM: Por favor, Agustina, deve estar equivocada.

MULHER: Como vou estar equivocada? Este senhor vestido com esse ridículo calção é meu pai, me ouve? Meu pai.

HOMEM: Este senhor vestido com o uniforme é Cabeção. Se parece, será idêntico, mas não é ele. Como se chama seu pai, Luiz?

MULHER: E você, como sabe?

Com leve sorriso enfadado, não pode ser, mas...

HOMEM: O que?

MULHER: Luiz. Que acontece? Não gosta?

HOMEM: Está certa?

MULHER: Mas como não vou estar certa do nome do meu pai?

HOMEM: Que coincidência...

MULHER: Coincidência?

HOMEM: Sim, é que esse homem também se chama assim.

MULHER: Claro que se chama assim, pois é meu pai.

HOMEM: Já te disse que não pode ser teu pai. Olha, Agustina, quando afundou o barco que ia teu pai?

MULHER: Em sessenta e sete, um pouco antes de eu nascer.

HOMEM: Então, você nunca viu o teu pai, não?

MULHER: Claro que não, eu só o vi em fotos.

HOMEM: Vamos ver, me esclareça: teu pai sofreu um naufrágio em sessenta e sete...

MULHER: ...no final.

HOMEM: No final de sessenta e sete, quando você tinha...

MULHER: Nove meses.

HOMEM: Acredita que não está morto, mas o barco naufragou no meio do Atlântico, não é verdade?

MULHER: Sim.

HOMEM: Então, como pode ir visitá-lo?

MULHER: A lei marca um tempo antes de que um homem passe de desaparecido para morto. A marinha mercante esteve esperando até que passasse esse tempo, e então, nos presentearam com um nicho. A minha mãe já não se importava. Havia

passado muito tempo esperando meu pai sentada em um dos cabeços do cais como se fosse o bidê de minha casa.

HOMEM: Creio que me escapou: um dos cabeços?

MULHER: É, isso que parece um tronco, onde se amarra o cabo...

HOMEM: Que cabo?

MULHER: Do barco joga-se um cabo à terra passando pela gateira e se encapela o estropo num prós. Depois se passa no meio do cabo pelo molinete, estira-se e se dão voltas na abita, deixando firme. Na popa se faz o mesmo. Isso é uma manobra de atracar.

HOMEM: *(já derrotado)* agora é que está claro.

MULHER: Então, continuo: minha mãe trocou o porto pelo cemitério. Todos os domingos trocávamos as flores e a água enquanto ela cantava aquelas alegrias do Simonal que meu pai gostava tanto. Eu tinha que marcar o ritmo batendo palmas.

HOMEM: *(com sarcasmo)* Assim? *(marca com animação um tanto torpe)*.

MULHER: *(Lhe fulminando com o olhar)* Dentro daquele nicho tão pequeno estava meu pai, e eu pensava: que manias tem esse homem, nem sequer pode ficar em pé ali dentro. Logo me explicaram que ali só vão os que vão. Bom, isso é tudo. Desde então vou vê-lo e lhe conto minhas coisas. Eu sei que meu pai não está ali, mas, ao menos estão todas as suas coisas. E, a dois anos os ossos do meu avô.

HOMEM: Também se afogou?

MULHER: Em aguardente. Frequentemente bêbado. Sofri tanto... Era um homem muito divertido. Vivia em uma linda casa de frente para o mar. Quando estava bêbado, só tinha que saltar pela janela para mijar e logo voltava a entrar. O dia em

que minha mãe soube que ele estava morrendo, lhe pediu que viesse a cidade, uma cidade sem mar. Isso foi pior pra ele. Morreu.

HOMEM: De cirrose, claro.

MULHER: Não, por seu antigo costume de saltar pela janela para mijar. Uma noite não se acordou, saltou pela janela, e jamais voltou a subir. Claro, era no quarto andar. E sem elevador.

HOMEM: Diga. Devo senti-lo?

MULHER: Todos sentimos. Estou convencida de que enquanto caía ria do equivoco.

HOMEM: Suponho que sim. Mas sinto te dizer que este não é seu pai.

MULHER: Tem razão. De repente me havia parecido... Quem dera que meu pai tivesse estes dentes.

HOMEM: Usava postigos?

MULHER. Não. Me refiro a piorrêia. Tinha piorrêia até a garganta. Imagine o fedor que lançava. As oito da manhã sua boca era uma verdadeira fossa.

HOMEM: Está me tirando um sarro.

MULHER: Não, cara, to falando sério, sua piorrêia era algo...

HOMEM: Está me tirando um sarro, deve estar curtindo com a minha cara desde que cheguei, pensou: "vamos ver quem é o imbecil que chega agora e lhe conto a história de meu pai, vamos ver quem é o idiota que engole a mentira do naufrágio ou o afogamento ou se meu pai está morto ou..."

MULHER: ... Não estou te tirando um sarro...

HOMEM: "...está vivo ou está morto ou ressuscitado..."

MULHER: Não estou te tirando um sarro.

HOMEM: Ah, não?

MULHER: Quer que eu te diga a verdade?

HOMEM: Estou esperando isso desde o início. Há algo mais razoável?

MULHER: Em meu pai não há nada de razoável.

HOMEM: Pois creio que herdou isso dele.

MULHER: Eu sou perfeitamente razoável.

HOMEM: Vamos.

MULHER Que?

HOMEM: Que estou esperando.

MULHER: Não vai acreditar.

HOMEM: O mais provável.

Ela o mira fixo um instante: trágica, com um sorriso nos lábios.

MULHER: Meu pai me persegue.

HOMEM: Como? Ah... já....

MULHER: Paga para que me vigiem, para saber onde estou, e então seqüestrar-me e levar-me com ele.

HOMEM: Teu pai paga para que te vigiem e manda que te seqüestrem...

MULHER: Faz três meses que o despisto e temo que me encontre aqui.

HOMEM: Por isso estava...

MULHER: é.

HOMEM: Não fuge da chuva, fuge do seu pai.

MULHER: Exato. Pensava que era um deles.

HOMEM: Deles?

MULHER: De seus matadores.

HOMEM: Teu pai usa matadores?

MULHER: Até agora, três.

HOMEM: E se eu for um deles?

MULHER: Não há nenhum problema.

HOMEM: Não?

MULHER: Não, porque então tiro o que tenho dentro da bolsa e resolvo o assunto.

HOMEM: E o que tem dentro da bolsa, se é que se possa saber?

MULHER: Uma faca.

HOMEM: Não é uma pistola?

MULHER: Para as distancias curtas é melhor uma faca, posso crava-la como em uma maça, sem que se perceba.

HOMEM: Tão boa assim com ela?

MULHER: Tenho praticado.

HOMEM: Tem praticado. Com que tem praticado?

MULHER: Com gatos. Te parece garantia suficiente?

HOMEM: E se alguém te vê apunhalando-me?

MULHER: então te puxo junto de mim como se estivéssemos nos beijando,. Nada poderá distinguir o sangue que escorre da tua garganta pela minha blusa vermelha. E muito menos com esta luz.

HOMEM: Claro, por isso se meteu na boca do metrô.

MULHER: Sim.

HOMEM: Pois creio que pode ter se metido na boca do lobo.

MULHER: Eu sou a boca do lobo.

HOMEM: Parece que tem tudo muito bem estudado.

MULHER: Tenho.

HOMEM: Sabe de uma coisa?

MULHER: Que?

HOMEM: História pra boi dormir.

MULHER: Não acredita?

HOMEM: Pode ser que sim e pode ser que não. Mas, se por acaso sou um deles...

MULHER: Não é.

HOMEM: Isso você não sabe.

MULHER: Sei sim, eles têm métodos mais eficientes.

HOMEM: Quem sabe teu pai trocou de tática.

MULHER: Isso também posso saber em seguida.

HOMEM: Ah, é?

MULHER: Enquanto chega o próximo metrô. Terá que pegá-lo. Já deixou passar dois e tua mulher, Ginebra, deve estar preocupada.

HOMEM: Não seria a primeira vez que chego tarde. Além do mais, não creio que lhe importe muito.

MULHER: Nesse caso, tenho outra opção: se me deixar ir embora, é porque não é, mas se tenta me impedir...

HOMEM: ...é que sou. Prove.

Ela inicia a caminhada.

Ele segura o braço dela e diz:

HOMEM: Por que teu pai te persegue?

Ela não contesta.

HOMEM: Diga.

MULHER: Porque posso fazer com que o metam na cadeia.

HOMEM: Por que?

MULHER: Primeiro, por violação.

HOMEM: Quem ele violou?

MULHER: Eu, quem vai ser? E segundo, por má administração de fundos. Desviou dinheiro público.

HOMEM: Para onde?

MULHER: Para seu bolso. Eu trabalhava para ele, no seu escritório. Uma noite que fiquei até tarde, descobri a fraude e ameacei contar tudo.

HOMEM: E aí?

MULHER: Me violou sobre a mesa de seu escritório.

HOMEM: Fez alguma coisa?

MULHER: Naturalmente: no dia seguinte deixei o trabalho.

HOMEM: Me refiro se o denunciou para a polícia.

MULHER: Denunciá-lo? Claro. E teria aparecido morta e outra vez violada em um terreno baldio.

HOMEM: Não acredito que teu próprio pai pode fazer algo assim.

MULHER: Meu próprio pai teve um afundamento.

HOMEM: Isso quer dizer que não é teu pai.

MULHER: Exato: minha mãe voltou a casar-se com esse filho da puta.

HOMEM: Agora entendo tudo. É teu padrasto que te persegue. Porra, deveria vender esse argumento.

MULHER: É, creio que sim. Isso de que teu pai de tapinhas na bunda, te beije na ponta dos lábios, brinque sobre teus peitos e te viole sobre a mesa de trabalho enquanto crava o grampeador nas costas, pode ser muito excitante para o cinema.

HOMEM: Certamente.

MULHER: Sobre tudo se imediatamente te pede que o chupe.

HOMEM: Não tem medo de ficar paranóica?

MULHER: Não, porque sempre encontro alguém para desabafar, e neste caso, foi com você.

HOMEM: Certo.

MULHER: Deveria te agradecer.

HOMEM: Não tem por que.

MULHER: Sempre agradeço. Meu pai dizia que sempre tem que se agradecer.

HOMEM: Qual dos dois?

Ela não contesta. O olha, repara em suas mãos: descobre perplexa que não usa aliança. Ruído de metrô.

HOMEM: Bom, já está aí, tenho que ir andando.

MULHER: *(Confirmando sua suspeita)* Eu sabia.

HOMEM: Que?

MULHER: Tenta me despistar.

HOMEM: Como?

MULHER: Não se faça de tonto.

HOMEM: Não me faço de tonto...

MULHER: Não vai pegar esse metrô.

HOMEM: Não?

MULHER: E tua aliança?

HOMEM: Que aliança?

MULHER: De casado.

HOMEM: Nunca uso.

MULHER: Nunca usa.

HOMEM: é isso.

MULHER: Nunca usa porque nunca esteve casado.

HOMEM: Isso não é verdade.

MULHER: Não tente me enganar.

HOMEM: Não estou te enganando.

MULHER: Não vai pegá-lo.

O metrô cada vez mais perto.

MULHER: Teu metrô.

HOMEM: Deixa o metrô em paz.

MULHER: Vai perde-lo.

HOMEM: Segundo você, não vou pegá-lo.

MULHER: Sei que não.

HOMEM: Espera que passe.

O ruído diminui suas vozes, apenas só eles se ouvem.

MULHER: Não é mais que um matador filho da puta.

HOMEM: Que disse?

MULHER: Que não é mais que um assassino, um matador de merda!

HOMEM: Não te escuto!

O ruído tenta apagar suas vozes com seu chiado. Ela vai se afastando dele com uma mão dentro da bolsa.

MULHER: Pegue-o!

HOMEM: Não penso pega-lo!

MULHER: Anda!

HOMEM: Não tenho vontade!

MULHER: Tua mulher está te esperando, não?

HOMEM: Ao caralho com minha mulher!

MULHER: Não fale assim de tua mulher!

HOMEM: Mil vezes ao caralho com minha mulher! Ao caralho com essa puta que não deseja mais que comprar vestidos e roupas esportivas e foder com qualquer saco de músculos da academia! Ao caralho com minha mulher e sua punheteria mãe!

Nesse momento o metrô já não faz ruído algum. Toma e deixa seus passageiros, abandona a estação.

MULHER: Viu?

HOMEM: Que?

MULHER: você não foi.

HOMEM: Me dá um cigarro. *(ela o dá)* Do que estávamos falando?

MULHER: Da tua aliança.

HOMEM: Não estávamos falando da minha aliança, estávamos falando de que sou um assassino filho da puta, um matador de merda e que estava aqui para matá-la.

MULHER: É verdade.

HOMEM: Pois não sou.

MULHER: E eu tampouco quero que sejas, nesse caso teria que te apunhalar com a faca ou disparar com a pistola.

HOMEM: Não será necessário.

MULHER: Então, por que não partiu?

HOMEM: Tenho que te contar algo.

MULHER: Que?

HOMEM: *(Depois de pensar um momento como começar)* Acho que minha mulher me engana.

MULHER: Logo se vê

HOMEM: Porra, já sei que não se pode comparar com uma violação. Na realidade, não ia para minha casa. Acho que tudo começou na academia e agora deve estar atracada com um desses... estava seguindo ela.

MULHER: Por que?

HOMEM: Está claro, não?

MULHER: Quer matá-la?

HOMEM: Matá-la? Deus, se é minha mulher. Eu só quero...

MULHER: Que?

Ele não contesta.

MULHER: Voltar com ela?

HOMEM: Não sei.

MULHER: Agora já está claro, acreditava que estava me seguindo. E, na realidade, não era nada. Parece que nos dois estávamos mentindo.

HOMEM: É.

MULHER: De verdade?

HOMEM: Como disse?

MULHER: Isso.

HOMEM: Por favor, não vamos começar.

MULHER: Não continuará fazendo?

HOMEM: Não me confunde mais, já te disse a verdade.

MULHER: Talvez eu não seja meteorologista.

HOMEM: Agustina...

MULHER: Talvez você...

HOMEM: Sim, talvez eu venda calendários, ou sou domador de feras... bom, creio que chegou o momento de... vou tomar o próximo.

MULHER: Muito bem.

HOMEM: Aposto que agora tardará mais de dez minutos em chegar.

MULHER: Certamente.

HOMEM: E ainda tenho que pegar mais dois metrô. Isto é insuportável.

Ela, que o tem estado olhado fixamente com um crescente sorriso, se põe em pé e se aproxima. Saca seu maço de cigarros e lhe oferece.

MULHER: Anda, se acalme, tenha um pouco de paciência, não vai demorar.

Ele saca um cigarro e se dá conta de que é outro maço de Gauloises Caporal. Acende um e lhe devolve o maço.

MULHER: Fica com ele, o guardava para uma ocasião.

Ele dá uma só mas abundante tragada. Disse um "não" que só é estalo da língua.

MULHER: Se acalme.

HOMEM: É que sempre acontece o mesmo, quando se necessita...

MULHER: Não se aborreça.

HOMEM: E querem que a gente seja primeiro mundo.

MULHER: Calma.

HOMEM: Não entendo esta informalidade,. Passam três seguidos e depois nenhum.

MULHER: Fica muito feio quando se aborrece.

HOMEM: Não entendo esta informalidade.

MULHER: Não fique sisudo, está muito feio, Marcelino.

Ele a olha surpreendido. Ela começa a acariciar o cabelo dele como um amante dormindo pelo álcool. Ele tenta livrar-se.

HOMEM: Agustina...

MULHER: É muito bonito. Não me havia dado conta até agora, tem os olhos pretos.

HOMEM: Eu não tenho olhos pretos.

MULHER: Gostaria de te beijar.

HOMEM: Mas que faz, que está fazendo?

MULHER: Deixe-me que te beije.

HOMEM: Por favor, Agustina.

Mulher: Não me chame assim, me chame de outra forma, nunca gostei desse nome.

HOMEM: Mas...

MULHER: Me chame de Laura, anda, quero escutar como me chama de Laura.

HOMEM: Laura?

MULHER: Laura, é, não gosta?

MOMEM: Sim, claro.

MULHER: Deixe que te beije, anda, levo um preservativo na bolsa.

HOMEM: Um preservativo? Agustina, por favor.

MULHER: Laura.

HOMEM: Laura, não fala sério.

MULHER: É de limão.

Ela o abraça, lhe beija a boca ainda que ele resista, em princípio. Pouco a pouco, sede aos desejos da mulher. Suas cabeças estão muito juntas, também seus peitos. Ele se vê a si mesmo nos olhos dela e ela nos dele. Um leve ruído de metrô que se aproxima chega até seus ouvidos, mas não o escutam.

HOMEM: Laura.

MULHER: Marcelino.

HOMEM: Não, melhor me chamar de Rafa, sempre quis me chamar Rafa.

MULHER: Rafa...

Ela deixa que sua mão direita resvale braço abaixo dele.

HOMEM: Escute.

MULHER: Que?

HOMEM: Não vai me apunhalar, verdade?

MULHER: Não, vou baixar a braguilha.

HOMEM: Ah.

Ela faz o que disse. O metrô está cada vez mais perto. Chegam os três últimos morcegos., loucos com esse frenético ir e vir do metrô. Anunciam a morte em suas membranas. Chega. Por um momento, os amantes em um nó desaparecem atrás do grande vagão. As portas se abrem, há pessoas que correm para as saídas e o céu ameaçando chuva como se duas pessoas amando não valeriam ao menos uma olhadela. O apito permite a marcha escandalosa da máquina.

HOMEM: *(Rompendo o abraço)* tem que vir comigo.

MULHER: *(Recolhendo suas coisas)* Com certeza, no teu trabalho? *(e logo, irônica)* perdão: no teu escritório?

HOMEM: A delegacia.

Ela guarda sua decepção muito adentro, donde ele não pode encontrá-la.

HOMEM: Antes que te acusem como cúmplice, da fraude e roubo do teu padrasto. Me da a faca?

MULHER: *(tenta se recompor um segundo)* se esquece da pistola.

HOMEM: É verdade, também tem que entregar-me a pistola.

MULHER: Certamente (*lhe entrega a bolsa*).

HOMEM: Pode acreditar-me se te digo que odeio o meu trabalho.

MULHER: Acredito.

HOMEM: Mas deve vir comigo.

MULHER: A vida é assim.

HOMEM: Assim de merda. Suponho que ele não pegará muito. Cinco; no máximo, dez; não acredito que chegue a vinte.

MULHER: Não está mal.

HOMEM: Bom, vamos. Não tentará fugir, verdade?

MULHER: Pode ser.

HOMEM: Não quero ter que algema-la.

Olhares mútuos.

HOMEM: Sei que não fará.

MULHER: Quem sabe.

HOMEM: Vamos.

MULHER: Vamos.

HOMEM: *(por cuidado, a toma pelo braço)* Laura.

MULHER: Sim?

HOMEM: Sinto ter que fazer.

MULHER: Rafa.

HOMEM: Diga.

MULHER: Eu....., não.

Ele lança um último olhar a estação, aos túneis. Quando dá a volta, seu riso não agüenta, de um momento a outro vai explodir. Ela não entende nada.

HOMEM: Acho que quero ficar contigo.

MULHER: Que acontece?

HOMEM: *(rindo)* Você acreditou, hein?

MULHER: *(não achando nenhuma graça)* Um pouco.

Ela não raciocina, ainda lhe firma o olhar, assim que ele insiste.

HOMEM: Venha, vamos a um hotel. Mas antes, te convido a jantar.

MULHER: Agora? E o metrô?

HOMEM: Ao caralho com o metrô.

MULHER: E tua mulher?

HOMEM: Ao caralho com minha mulher. Venha, conheço um chinês aqui perto.

MULHER: Me encanta a comida chinesa.

HOMEM: Vamos?

Uma pausa que alimenta a incerteza.

MULHER: Vamos.

Caminham até a saída da estação. Ela se detém.

MULHER: Escuta, ainda não nos apresentamos.

HOMEM: é verdade, sou um autêntico desastre para essas coisas. Me chamo Ricardo, Ricardo Zamora.

MULHER: Eu, Emilia.

HOMEM: Bonito nome.

MULHER: Não comecemos.

O metrô chega.

MULHER: O metrô.

HOMEM: Em boa hora.

MULHER: Tenho que pegá-lo.

HOMEM: Que?

MULHER: Adeus, Ricardo. *(toma o metrô).*

RICARDO: Emilia...

*Ricardo Zamora fica só na estação. Em uma mão, a maleta, na outra, o guarda-chuva. Caminha até os assentos, se deixa cair, bufa. Descobre ao seu lado os óculos esquecidos por ela. Coloca os óculos de sol.
Espera. FIM. 15/11/2000.*

